



## A IMAGEM COMO OBJETO DE ENSINO

### THE IMAGE AS TEACHING OBJECT

Glaucia Muniz Proença Lara

UFMG - FALE - Universidade Federal de Minas Gerais

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta para a abordagem de textos visuais e sincréticos (verbovisuais) em sala de aula, a partir dos princípios e procedimentos propostos pela teoria semiótica francesa, sobretudo num de seus desdobramentos mais recentes: a semiótica visual ou plástica. Assim, o texto é trabalhado por meio da articulação entre conteúdo e expressão, buscando-se, sempre que pertinente, a homologação entre categorias desses dois planos, de modo a construir relações semissimbólicas. O semissimbolismo oferece uma nova leitura do mundo, ao associar diretamente relações de cor, de forma (plano de expressão) com relações de sentido (plano de conteúdo), contribuindo, desse modo, para transformar o aluno num leitor proficiente de textos/imagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** texto visual; texto sincrético; conteúdo; expressão; semissimbolismo; ensino.

**ABSTRACT:** This paper aims to present an approach for visual and syncretic texts in the classroom, resorting to the principles and methods proposed by the French Semiotics, mainly by one of its most recent branches: the Visual or Plastic Semiotics. Thus, the text is analyzed through the articulation between content and expression so as to allow, whenever it is pertinent, the homologation of categories issued from both plans, which is responsible for the construction of semi-symbolic relations. Semi-symbolism offers a new reading of the world when it associates directly relations of colour, of form (expression plan) to meaning relations (content plan), contributing, in this way, to change the student into a proficient reader of texts/images.

**KEYWORDS:** visual text; syncretic text; content; expression; semi-symbolism; teaching.

### Introdução

Já é mais do que consensual em análise do discurso – ou nas análises do discurso<sup>1</sup> – praticada(s) na atualidade, que os conceitos de texto e de discurso<sup>2</sup> implicam uma

<sup>1</sup> Sob a rubrica “análise do discurso” encontra-se, atualmente, uma vasta gama de teorias diferentes – cada qual com sua especificidade – que têm em comum o fato de se debruçarem sobre o discurso enquanto objeto de reflexão e análise (cf., por exemplo, a coletânea organizada por Lara, Machado, Emediato (2008) e por Mello e Machado (2010). Por isso, julgamos que a denominação mais apropriada seja “análises do discurso”.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

unidade de sentido que não se restringe à linguagem verbal. Para ficar apenas com um exemplo, citamos Maingueneau (2005, p. 20-25) que, ao propor suas sete hipóteses para o estudo do discurso, afirma, na 6.<sup>a</sup> hipótese, que “a prática discursiva [...] pode também ser considerada como um *prática intersemiótica* que integra produções que pertencem a outros domínios semióticos (pictórico, musical etc.)” (p. 23, grifo do original). Apesar dessa afirmação, o autor privilegia, em suas análises, o texto verbal (escrito), ocupando-se, eventualmente, do texto não verbal/visual apenas como complemento do texto verbal, não como um fim em si mesmo.

Não podemos ignorar, no entanto, que, na sociedade atual globalizada, somos cercados de imagens por todos os lados. Nunca a máxima de que “uma imagem vale mais do que mil palavras” foi tão explorada. Isso, de imediato, coloca para o pesquisador em análise do discurso uma preocupação: a de se dotar de dispositivos teórico-metodológicos adequados para examinar textos visuais e sincréticos – aqueles que mesclam duas ou mais linguagens (como, por exemplo, para os fins que nos interessam aqui, a linguagem não verbal/visual e a verbal). Se, além disso, se se tratar um professor, a questão fica mais séria: como instrumentalizar os alunos para que eles analisem, eficientemente, as configurações da imagem no seu dia a dia? Como fazer deles “leitores” proficientes, no sentido amplo do termo?

O objetivo principal do presente artigo é o de responder, mesmo que parcialmente, a essa questão. Seguindo a tônica que vimos assumindo em trabalhos mais recentes de integrar pesquisa e ensino, buscaremos articular a reflexão oriunda da teoria semiótica com a prática de sala de aula. Mas, antes, é preciso delimitar de que semiótica estamos falando.

## 1. Semiótica discursiva ou semiótica social?

Para responder a essa questão, partiremos da reflexão de Teixeira (2008) sobre os textos constituídos de várias linguagens. Segundo ela, tais textos são particularmente desafiadores, o que tem levado algumas teorias a buscar aparatos metodológicos para sua compreensão. Entre as teorias que vêm oferecendo um instrumental consistente e de ampla utilização pelos estudiosos do discurso no Brasil, encontram-se a semiótica discursiva, fundada por Greimas, e a semiótica social de Kress e van Leeuwen (TEIXEIRA, 2008, p. 172-175).

Porém, no seu entender, as semelhanças entre essas duas teorias restringem-se à designação comum **semiótica**, uma vez que mesmo a denominação dada aos textos descritos acima – aqueles em que se integram pelo menos duas linguagens – varia de uma para a outra: **sincréticos**, para a semiótica discursiva; **multimodais**, para a semiótica social, o que, mais do que uma simples variação terminológica, remete a uma diferença de concepção e de abordagem dos textos.

Sem pretender retomar a ampla discussão promovida no artigo em foco – ao qual remetemos o leitor interessado (vide referências) – mencionaremos, entre as diferenças sinalizadas pela autora, uma que nos parece crucial: aquela que está presente já nos elementos **multi-**, com sua ideia de quantidade e dispersão, e **sin-**, com seu sentido de unidade e integração. Assim, de acordo com Teixeira (2008, p. 173), é possível observar as diferentes linguagens que constituem, por exemplo, uma capa de revista a partir de “suas particularidades indicando direções várias do sentido que são, em seguida, integradas numa

---

<sup>2</sup> Para Fontanille (1998, p. 77), **texto** e **discurso** representam dois pontos de vista diferentes sobre o mesmo processo signficante. Mais adiante, voltaremos a essa questão.

interpretação que articule paralelismos de procedimentos e confira ao objeto um efeito de unidade”, como faz a semiótica social, ou, como propõe a semiótica discursiva, já de saída tomá-las como

[...] uma unidade construída por uma estratégia enunciativa integradora que, ao mobilizar diferentes linguagens, potencializou e, ao mesmo tempo, diluiu o que cada código tem de particular, para permitir a manifestação de uma outra coisa, um texto verbovisual em que os elementos se articulam segundo um ritmo, variações de tonicidade, gradações etc. ( p. 173).

Se consideramos o texto como uma unidade de sentido constituída por meio da articulação entre um plano de conteúdo (o do discurso) e um plano de expressão (a linguagem, verbal e/ou não verbal, que veicula o conteúdo), parece-nos que a semiótica discursiva (ou greimasiana) mostra-se mais pertinente para uma análise de textos visuais e sincréticos (no caso, verbovisuais) que acolha a ideia de integração não apenas entre os dois planos, mas também entre as linguagens que se articulam no plano de expressão, para textualizar o discurso, fazendo com ele seja assumido, antes de mais nada, como um “todo significativo”. É, portanto, essa a proposta teórica que, sem desmerecer a semiótica social,<sup>3</sup> assumimos aqui.

## 2. Princípios e procedimentos da semiótica discursiva

Tomada como teoria da significação, a semiótica tem como objetivo explicitar as condições da apreensão e da produção do sentido. Em outras palavras: interessando-se por qualquer tipo de texto – seja ele verbal, não verbal (pintura, escultura, fotografia etc.) ou sincrético (cinema, quadrinhos etc.) –, preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram, isto é, busca descrever o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo por meio de um modelo que “simula” a produção e a interpretação de um texto. Trata-se do percurso gerativo de sentido, que vai do mais simples e abstrato (nível fundamental) ao mais complexo e concreto (nível discursivo), passando por um nível intermediário – o narrativo.

Porém, se, num primeiro momento, a teoria semiótica analisa o plano de conteúdo, num segundo momento, considerando que o texto só se constitui plenamente quando o conteúdo se junta à expressão, busca examinar também o plano de expressão daqueles textos em que esse plano faz mais do que expressar o conteúdo. É o caso dos textos com função estética (poema, balé, pintura etc.). Neles, o plano de expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo (como nos textos com função utilitária); nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto.

Quando ocorre uma correlação entre categorias (e não entre unidades ou elementos isolados) dos dois planos, temos os sistemas semissimbólicos. Um exemplo dado por Greimas – e retomado por Thurlemann (1986) – seria o da linguagem gestual em nossa cultura. Nela, a categoria /sim/ vs /não/ (plano de conteúdo) corresponde, no plano de expressão, a um eixo semântico formado pela oposição de dois tipos de movimentos de

---

<sup>3</sup> Até porque, como aponta Teixeira (2008, p. 175), a semiótica social tem sido integrada à análise crítica do discurso e aplicada às concepções de texto utilizadas no ensino de línguas, tornando-se, dessa forma, um instrumento teórico relevante para uma reflexão sobre materiais didáticos, o que nos parece ser uma contribuição das mais relevantes no/para o ensino.

oscilação da cabeça: **verticalidade** vs **horizontalidade**.<sup>4</sup> Assim, nos textos visuais e sincréticos (verbovisuais) que propomos abordar aqui, uma categoria como /humanidade/ vs /divindade/ do plano de conteúdo pode relacionar-se, semissimbolicamente, a categorias do plano de expressão, tais como **baixo** vs **alto** ou **lateral** vs **central** (componente topológico); ou ainda **escuro** vs **claro** (componente fotocromático) – ver, por exemplo, Lara (2007) e Lara e Morato (2008). Em suma, como afirma Barros (2003, p. 210-211), o semissimbolismo oferece uma nova leitura do mundo ao associar diretamente relações de cor, de forma (plano de expressão) com relações de sentido (plano de conteúdo).

Isso significa que um leitor proficiente deve ser capaz de apreender os dois planos – conteúdo e expressão – que constituem o texto (verbal, não verbal ou sincrético) e de perceber as relações entre eles, pelo menos naqueles textos em que essa relação é significativa. Ora, a escola tem abordado muito mais o texto verbal (sobretudo escrito) do que o não verbal (ou o sincrético) e tem-se concentrado muito mais no conteúdo do que na expressão. Dessa lacuna surge a possibilidade de um trabalho que, levando em conta as necessidades “imagéticas” do mundo atual, já apontadas na Introdução, busque preparar os alunos de diferentes níveis de ensino para “ler” eficazmente para além do texto apenas verbal. Antes, porém, de apresentar nossa proposta, vejamos que contribuições a semiótica plástica ou visual, como um desdobramento mais recente da semiótica do discurso, pode nos trazer.

Lembramos que, se nos seus primórdios (década de 1960), a teoria semiótica focalizou prioritariamente a ação, ela foi-se abrindo, ao longo de sua trajetória, também para outras dimensões (cognitiva, passional, enunciativa etc.) do discurso, chegando, nos dias de hoje, a duas direções: a) a análise do que está **além** do percurso gerativo de sentido em sua formulação clássica; b) o estudo do que está **aquém** dele e, por conseguinte, propicia sua constituição (FIORIN, 1999). Correndo o risco de simplificação, diríamos que esse exame do “além” e do “aquém” do percurso gerativo aponta, respectivamente, para a semiótica visual (ou plástica) e para a semiótica tensiva, de que não nos ocuparemos aqui.<sup>5</sup>

### 3. Da semiótica standard à semiótica visual: contribuições

Jean-Marie Floch, um dos principais fundadores da semiótica visual, nasceu em 1947 e faleceu precocemente, em 2001, aos 54 anos de idade. Colaborador de Greimas, dedicou-se ao estudo das linguagens visuais, aplicando o conceito de semissimbolismo a textos de diferentes domínios: artes plásticas, *marketing*, comunicação, entre outros.

Pietroforte (2004, p. 10) destaca que a semiótica plástica ou visual faz parte da semiótica semissimbólica, a qual, por seu turno, integra a semiótica poética, segundo palavras do próprio Floch. Nessa perspectiva, toda relação semissimbólica seria poética (no sentido amplo do termo), mas nem toda relação poética seria semissimbólica.

Quanto às denominações **visual** e **plástica** que, via de regra, são usadas de forma indiferenciada, Oliveira (2004, p. 12), pontuando que o adjetivo **plástica** pode abranger o estudo do plano de expressão das manifestações visuais as mais distintas (artísticas, midiáticas etc.), prefere a denominação “semiótica plástica”, definindo-a como uma semiótica “que se ocupa da descrição do arranjo da expressão de todo e qualquer texto visual”. Apesar

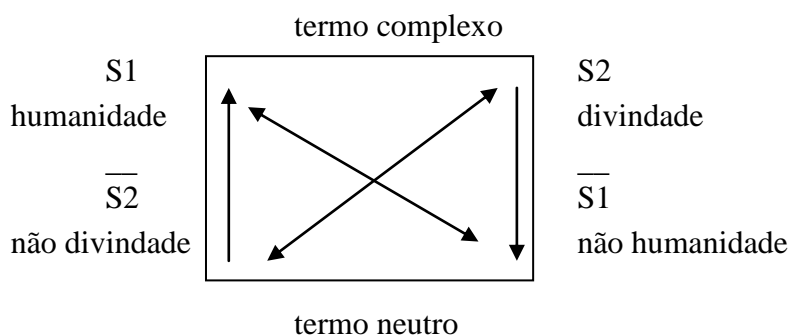
<sup>4</sup> No caso dos sistemas simbólicos, a relação se dá não entre categorias (como nos sistemas semissimbólicos), mas entre unidades de um plano e de outro, que contraem sempre a mesma relação. Por exemplo, na nossa cultura, a cor branca (plano de expressão) simboliza a paz (plano de conteúdo).

<sup>5</sup> Embora pesquisadores, como Teixeira (2008) e Pietroforte (2007), venham buscando articular essas duas novas abordagens semióticas, restringiremos este artigo à semiótica visual, remetendo o leitor interessado aos trabalhos desses autores.

disso, uma grande parte dos autores que trabalha com essa abordagem teórica continua tomando os dois termos como equivalentes, posição que também assumimos aqui.

A dicotomia expressão/conteúdo vem de Hjelmslev (1968). Para ele, o sentido ocorre pelo encontro desses dois níveis que, como tais, são suscetíveis de ser analisados pela mesma metalinguagem descritiva. O plano de conteúdo, como vimos, é examinado por meio do percurso gerativo de sentido com seus três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo (nível mais complexo e concreto, que abre caminho para o plano de expressão).

Resumidamente, no nível fundamental, encontram-se as oposições ou categorias semânticas de base que sustentam o texto, bem como as operações de asserção e de negação que sobre elas se realizam. Assim, uma oposição como a já citada /humanidade/ vs /divindade/ implica dois termos contrários que, pela negação, geram seus contraditórios, respectivamente, /não humanidade/ e /não divindade/ (que, entre si, são subcontrários). Além disso, /humanidade/ e /não divindade/, bem como /divindade/ e /não humanidade/ são complementares. Os termos contrários /humanidade/ e /divindade/ são valorizados (positiva ou negativamente) pela projeção sobre eles da categoria tímica euforia vs disforia. Teremos ainda termos complexos (reunindo /humanidade/ e /divindade/) ou neutros (somando /não humanidade/ e /não divindade/). Todas essas articulações lógicas são passíveis de representação no quadrado semiótico:



Exemplificando: na tela de Mestre Ataíde, “Batismo de Cristo” (LARA & MORATO, 2008), o “movimento” do texto seria: humanidade → não humanidade → divindade, já que Cristo, ali representado como um homem comum, ascende ao divino pelo sacramento do batismo. Trata-se de um texto euforizante, uma vez que o termo eufórico da categoria semântica de base é a /divindade/.

No nível narrativo, os valores abstratos e virtuais do patamar anterior (o fundamental) transformam-se em valores inscritos em objetos – o que faz deles objetos-valor (Ovs) – com os quais os sujeitos se relacionam por conjunção ou disjunção. À relação sujeito/objeto, que lhes confere existência semiótica, somam-se as relações que se instauram entre sujeitos (que manipulam ou são manipulados, que julgam ou são julgados, que disputam Ovs etc.), simulando-se, dessa forma, a ação do homem no mundo. Na tela mencionada, o sujeito Cristo entra em conjunção com o Ov batismo pela ação (*performance*) de um outro sujeito: João Batista, o que torna mais concreto e mais complexo o “movimento” do nível fundamental – por definição, mais simples e abstrato – como foi descrito no parágrafo anterior.

Finalmente, no nível discursivo, estudam-se, entre outras categorias (como as de pessoa, tempo e espaço, que ancoram o texto numa situação comunicativa), os temas – ou elementos abstratos que ordenam e explicam a realidade – e as figuras – ou elementos concretos que constroem simulacros do mundo, recobrando os temas que lhes são subjacentes.



Desse modo, continuando com nosso exemplo, vemos que o homem semidespido (Cristo), no barranco de um rio, sobre cuja cabeça um outro ator (João Batista) despeja água, figurativiza o tema da **salvação** (que se opõe ao da **perdição**, decorrente do pecado).

Os temas e figuras, presentes na última etapa do percurso gerativo de sentido (componente semântico<sup>6</sup> do plano de conteúdo), abrem caminho para o plano de expressão, cujas categorias ainda não tiveram um percurso solidamente estabelecido, como foi feito para o plano de conteúdo. Apesar disso, como observa Lopes (2003), Greimas (1987), ao tecer comentários sobre o visível na obra *De l'imperfection*, teria esboçado um percurso gerativo para o plano de expressão, que poderia ser sucintamente descrito no quadro 1 a seguir:

Nível superficial	<b>Forma</b> (dimensão eidética)
Nível intermediário	<b>Cor</b> (dimensão cromática)
Nível profundo	<b>Luz</b>

Quadro 1: Adaptado de Lopes (2003, p. 69)

O quadro acima – que, originalmente, inclui também elementos musicais (tom, pulso e frequência) – mostra que tanto **formas** quanto **cores** dependem da presença da **luz**, sem a qual não teriam qualquer efeito sobre o espectador. Daí a colocação desta no nível mais profundo do percurso e daquelas em níveis mais superficiais. No entanto assumimos com Morato (2008) que **luz** e **cor** mantêm entre si uma ligação mais íntima, o que nos permite postular uma dimensão **fotocromática**, reunindo esses dois formantes. Não podemos perder de vista também a dimensão topológica, referente à espacialidade, que é contemplada, por exemplo, em Greimas (2004).

Para analisar o plano de expressão de textos visuais, utilizaremos estas três dimensões: a) topológica (por exemplo, **alto** vs **baixo**, **central** vs **periférico**); b) eidética (por exemplo, **circular** vs **retilíneo**, **uniforme** vs **multiforme**); c) fotocromática (por exemplo, **claro** vs **escuro**, **monocromático** vs **policromático**), sem nos preocuparmos em estabelecer uma hierarquia entre elas, uma vez que, a nosso ver, essas dimensões se articulam e se complementam na unidade que é o texto.

Evidentemente, em se tratando de textos sincréticos, como é o caso das tiras humorísticas, das capas de revista e de grande parte dos anúncios publicitários, para a análise do plano de expressão do texto verbal que, em geral, acompanha o não verbal (a imagem), levaremos em conta outros elementos, como o ritmo, a entonação, as rimas, os “jogos sonoros” (aliterações, assonâncias), quando isso for pertinente para a construção de relações semissimbólicas entre conteúdo e expressão, uma vez que há textos verbais que cumprem apenas a função referencial (de ancoragem do texto numa dada situação), não adquirindo, assim, efeitos de poeticidade.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Lembramos que todos os níveis do percurso gerativo de sentido são dotados de um componente sintático (os arranjos que organizam os conteúdos) e de um componente semântico (os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos).

<sup>7</sup> Por exemplo, segundo Pietroforte (2004, p. 60-62), dos dois enunciados “A bola rola solta na cadeia” e “Na Casa de Detenção do Carandiru, o futebol é mais do que uma diversão entre os presos” que acompanham a imagem de prisioneiros jogando bola, com a cadeia ao fundo, apenas o primeiro mantém com a oposição /liberdade/ vs /opressão/ do plano de conteúdo uma relação semissimbólica, por meio da categoria fonológica vogal posterior vs vogal anterior do plano de expressão verbal (além das categorias plásticas tamanho e cor das letras escritas). O segundo enunciado tem apenas uma função de ancoragem, ou seja, de especificação do lugar e dos atores, complementando, desse modo, a figurativização.

Ora, no âmbito da semiótica visual, que nos interessa mais de perto no presente trabalho, a relação conteúdo/expressão tem sido mais comumente abordada pela articulação entre o plano de expressão e o nível mais profundo (fundamental) do plano de conteúdo, apreendido através do percurso gerativo de sentido. Moraes (2008), por exemplo, ao analisar a revista *Veja* de 12/04/06, que traz estampada na capa Suzane Von Richthofen às vésperas do julgamento pela morte de seus pais, afirma que a categoria plástica luz vs sombra, cujos formantes incidem, respectivamente, sobre o lado direito e sobre o lado esquerdo do rosto da moça (considerando-se a posição do leitor), homologa-se à categoria semântica de base /humanidade/ vs /monstruosidade/ (nível fundamental do plano de conteúdo), construindo, dessa forma, uma relação semissimbólica.

A autora poderia também ter explorado os temas **fragilidade vs brutalidade** (nível discursivo), recuperáveis pelos enunciados que acompanham a imagem: trata-se de alguém que “vive reclusa e assombrada”, que quer sua vida de volta (portanto é frágil), mas, ao mesmo tempo, responde por um crime “que chocou o país” (logo é brutal). Ora, esses temas, quando articulados, comprovam a dualidade de Susane, o que permite recuperar, mais facilmente, o termo complexo /humanidade/ + /monstruosidade/ (nível fundamental/plano de conteúdo) e homologá-lo à categoria fotocromática (plano de expressão).

Também as análises de Pietroforte (ver, especialmente, seu livro publicado em 2004) seguem, em linhas gerais, essa mesma proposta. No entanto, como buscaremos demonstrar, em se tratando de textos visuais (sobretudo icônicos), o que “salta aos olhos” do leitor, inicialmente, são as figuras (os atores, os elementos da cena ou paisagem) que dão materialidade aos temas subjacentes. Assim, na análise da tela de Mestre Ataíde, o que vemos, de saída, são as figuras de Cristo e de João Batista na terra (no barranco de um rio e com uma cidade ao fundo) que se contrapõem às figuras dos anjos e da pomba (Espírito Santo) no céu, remetendo à oposição temática **perdição** (ou pecado) vs **salvação**. São esses elementos que, mais facilmente, permitem-nos apreender as correlações com as categorias plásticas do plano de expressão: **baixo vs alto** (dimensão topológica) e **sombra vs luz** (dimensão fotocromática), e não a categoria semântica de base /humanidade/ vs /divindade/, mais simples e abstrata e, por isso mesmo, menos evidente.

Nessa perspectiva, não vemos como analisar o plano de expressão sem remetê-lo também ao nível discursivo, ou, mais especificamente, ao componente semântico (subcomponente temático-figurativo)<sup>8</sup> do plano de conteúdo. Lembramos ainda a posição de Fiorin (2003, p. 79) de tomar as relações semissimbólicas como incidindo sobre todos os níveis do percurso gerativo – e não apenas sobre o nível mais profundo –, posição com a qual concordamos.

Em vista do que foi exposto acima, descreveremos, na próxima seção, uma proposta de abordagem do texto visual (ou do texto sincrético que inclua a linguagem visual) na escola que explore, na relação conteúdo/expressão, além do nível fundamental, o discursivo (já que este nos parece mais óbvio – se se pode dizer assim –, sobretudo para o leitor iniciante). Tal proposta inclui ainda a apreensão das relações semissimbólicas que se instauram entre os dois planos, sempre que isso se mostrar relevante para a construção do(s) sentido(s) do texto em análise.

---

<sup>8</sup> Utilizamos a denominação “(sub)componente temático-figurativo” – preferencialmente a (sub)componente figurativo, como propõe a semiótica – para enfatizar que, sob as figuras, há sempre temas que as iluminam, atribuindo-lhes um sentido. Evidentemente, uma mesma figura pode remeter a temas diferentes (e vice-versa). Para darmos apenas um exemplo, “a calça jeans azul e desbotada” (figura) de um conhecido anúncio publicitário remetia, no contexto, ao tema da **liberdade**. Porém, num outro contexto, poderia remeter ao tema do **desleixo** ou ao da **pobreza**.

Nesse caso, segundo Lara e Matte (2009), a análise pode seguir duas direções distintas: 1) aquela que se inicia pelo plano de expressão; 2) a que, ao contrário, começa pelo plano de conteúdo. Ambas têm suas vantagens: começar pelo plano de expressão permite que o analista obtenha o máximo de imparcialidade, impedindo que ele se deixe influenciar pelos sentidos apreendidos na análise semiótica do conteúdo, ou seja, evitando que ele “force a barra” para ver, no plano de expressão, aquilo que já detectou no plano de conteúdo. Por outro lado, considerando que o plano de conteúdo é o mais solidamente estabelecido na teoria semiótica, começar por aí pode dar ao leitor/analista, sobretudo o iniciante, maior segurança na abordagem dos textos.

Como se verá nos exemplos aqui apresentados, é possível usar tanto uma abordagem quanto a outra. A decisão do professor dependerá, em última análise, das dificuldades da turma que, sugerimos, sejam sondadas numa aula-piloto com um texto de fácil apreensão (como é o caso da fotografia de Sebastião Salgado em anexo), a partir de um roteiro de leitura previamente elaborado para auxiliar os alunos no exame dos dois planos (conteúdo e expressão), bem como das articulações que eles mantêm para a construção de sentidos do/no texto.

#### 4. Descrição da proposta

A proposta que vimos desenvolvendo em sala de aula com alunos de graduação (*Introdução à Análise do Discurso*) e de pós-graduação (*Seminário de tópico variável em Análise do Discurso*) é, em linhas gerais, a mesma que foi aplicada a uma oficina de “Alfabetização, Letramento e Inclusão Digital do Núcleo de Apoio Familiar (NAF) do Bairro Novo Ouro Preto.”<sup>9</sup> Caminhando do menos para o mais complexo – ou talvez do mais para o menos perceptível –, sugerimos que a abordagem de textos se dê na seguinte ordem: 1º) textos apenas visuais, principalmente icônicos (por exemplo, pinturas figurativas e fotografias); 2º) textos sincréticos, que aliam o verbal e o não verbal (visual), como os anúncios publicitários e as capas de revista.

É claro que esse trabalho de articulação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão – e de busca das categorias semissimbólicas, se for o caso – se dará de forma mais ou menos abrangente, mais ou menos simplificada (mas não, evidentemente, simplista), de acordo com o nível dos alunos e com seu grau de dificuldade. Afinal, não pretendemos dar aqui receitas para o estudo do plano de expressão (visual) e de suas relações com o plano de conteúdo, mas apenas sugerir atividades que já foram testadas em alunos de diferentes níveis de escolaridade, revelando-se, no geral, eficazes. Nesse sentido, confiamos no tato e na sensibilidade do professor na escolha e na abordagem dos textos.

Se assim o desejar, o professor pode estender o trabalho, num terceiro momento, para os textos apenas verbais (poemas, contos etc.), ou ainda para textos que envolvam outras linguagens (como, por exemplo, a canção ou o cinema, que incluem também a linguagem musical). Dado o objetivo que orienta a presente exposição, não contemplaremos essas outras possibilidades, limitando-nos a sinalizá-las.

Uma vez selecionados os textos de acordo com a ordem proposta acima, o passo seguinte será prepará-los para aplicação em sala de aula. O professor pode orientar mais de perto o trabalho por meio de roteiros de leitura, como já pontuamos, pelo menos até que os

---

<sup>9</sup> Essa oficina, integrante do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão *A tela e o texto*, congregava pessoas da terceira idade, jovens com dificuldade de aprendizagem e o Grupo de Mulheres da região. As aulas foram ministradas por Karolina Nogueira de Almeida Penido, aluna da Faculdade de Letras/UFMG, que contou com bolsa do PROBIC/FAPEMIG no período de março de 2009 a fevereiro de 2010.



alunos se sintam confiantes para prosseguir sozinhos. Além disso, as atividades podem ser desenvolvidas, inicialmente, em pequenos grupos e/ou duplas até que o aluno seja capaz de trabalhar individualmente. Nessa perspectiva, não apenas a já mencionada aula-piloto, como também cada etapa do processo podem ser de grande utilidade para o professor, fornecendo-lhe subsídios para que mantenha ou altere os tipos e/ou sequências de atividades nas etapas subsequentes.

## 5. Um exemplo de texto visual

A foto de Sebastião Salgado (Anexo 1)<sup>10</sup> traz duas figuras em contraste: a de uma pessoa – provavelmente um homem – em pé, portando roupas brancas e largas (que sugerem, portanto, um corpo robusto) e carregando um saco também branco, cheio de alguma coisa que não sabemos, com certeza, o que é (provavelmente algum tipo de alimento), e a de um menino negro, extremamente magro e seminu, que está ajoelhado, como que em posição de súplica, e dirige o olhar para o homem. Além disso, o menino aparece por inteiro na foto, enquanto o homem não tem rosto (apenas a metade inferior do seu corpo se dá a ver).

Começando pelo plano de expressão, vemos que as duas figuras contrastam pelas cores (componente fotocromático): **branco** (dos trajes do homem) vs **preto** (da pele exposta do menino); pela posição na foto: **verticalidade** vs **horizontalidade** (componente topológico); e pelas formas (componente eidético) que se opõem tanto pela categoria **dilatação** (as formas amplas do corpo/vestimentas do homem) vs **contração** (as formas finas do corpo do menino) quanto pela de **parcialidade** vs **totalidade**. Essas categorias plásticas remetem à oposição temático-figurativa: **riqueza/opulência** vs **pobreza/despojamento** (nível discursivo/ plano de conteúdo), cuja homologação instaura o semissimbolismo.

Aprofundando um pouco mais a análise do plano de conteúdo, notamos que a oposição temático-figurativa apontada acima corresponde à categoria mais simples e abstrata (nível fundamental/plano de conteúdo) /humanidade/ vs /animalidade/. Lembra Pietroforte (2004, p. 68-69) que as roupas expressam, antes de mais nada, conotações sociais. Portanto despir o homem é reduzi-lo a uma condição animal. Ora, na foto em questão, observamos que, enquanto o homem está completamente vestido (tanto que seu corpo está pouco à mostra) e anda em posição ereta, o menino, portando apenas um pano enrolado na cintura (que se confunde com seu próprio corpo), arrasta-se pelo chão e fita o homem como que suplicando por comida, exatamente como faz um animal. Isso significa que a **pobreza** (a desnutrição, o despojamento não só material, mas também da dignidade) transforma aquele que a vivencia praticamente num animal, ao passo que a **riqueza** (ou **opulência**) exerce o efeito contrário: devolve àquele que a experimenta sua plena condição humana.

Teríamos, assim, o seguinte quadro de homologações entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, responsáveis pela construção de relações semissimbólicas e, conseqüentemente, pela unidade de sentido do texto em foco:

Plano de conteúdo	<b>riqueza/opulência vs pobreza/despojamento</b> (categoria temático-figurativa/nível discursivo)	
	/humanidade/ vs /animalidade/ (categoria semântica de base/nível fundamental)	
	categoria topológica	<b>verticalidade vs horizontalidade</b>
	categorias eidéticas	<b>dilatação vs contração</b>

<sup>10</sup> Disponível em: [http://picasaweb.google.com/lh/photo/MhKYrtf5hbFegf\\_5RdgPHw](http://picasaweb.google.com/lh/photo/MhKYrtf5hbFegf_5RdgPHw). Acesso em: 02 out. 2009.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

Plano de expressão		<b>totalidade vs parcialidade</b>
	categoria fotocromática	<b>branco vs preto</b>

Quadro 2: Homologação entre o plano de conteúdo e o de expressão

Resta explicar por que se expõe apenas parcialmente o corpo do homem, deixando-se à mostra, por outro lado, a figura inteira do menino. Uma possibilidade seria a de que, por meio dessa opção, o enunciador busca enfatizar a situação de extrema penúria em que vive grande parte da população mundial, em contraposição a um pequeno contingente de pessoas que vivem em condições que chamaríamos de plenamente “humanas”. O tom do texto é, portanto, o de denúncia, o que leva Sebastião Salgado a destacar mais a figura do menino (*totalidade*) do que a do homem (*parcialidade*).

## 6. Um exemplo de texto sincrético

O anúncio publicitário que será analisado (vide anexo 2)<sup>11</sup> constitui “uma unidade construída por uma estratégia enunciativa integradora” (TEIXEIRA, 2008, p. 173) que articula as linguagens verbal e não verbal/visual, o que faz dele um texto sincrético. Em outras palavras, o enunciado verbal: “SuperBonder cola tudo” (presente na parte inferior do texto, à direita do leitor) dialoga com a imagem das Torres Gêmeas trincadas e com a figura do avião – que não se sabe bem se está indo embora ou retornando para novos ataques (a imagem, nesse caso, é ambígua, permitindo as duas leituras) – numa simulação do ataque de 11 de setembro de 2001.

Do ponto de vista do plano de conteúdo, o que nos vêm à mente, de imediato, é a oposição temática (nível discursivo) **destruição vs restauração**, representada, de um lado, pelas figuras dos edifícios trincados e do avião e, do outro, pela figura da SuperBonder. Se aprofundarmos um pouco mais a análise, podemos postular como categoria semântica de base (nível fundamental): /morte/ vs /vida/ sobre a qual se assenta o texto; aquela que vai sendo complexificada e enriquecida, na medida em que avançamos para o nível mais superficial do percurso gerativo de sentido, o patamar discursivo.

Na articulação com o duplo plano de expressão verbal/visual, vemos que as categorias do plano de conteúdo /morte/ vs /vida/ e **destruição vs restauração** podem ser homologadas à categoria fotocromática **cores frias vs cores quentes**. Assim, no texto visual, predominam tons que vão do branco ao cinza, representando a /morte/ e a **destruição**. No enunciado verbal,<sup>12</sup> as cores são o vermelho e o azul escuro, remetendo à /vida/ e à **restauração**. Como afirma Floch (1987, p. 41), na análise que faz de uma publicidade impressa de cigarros, “o fato de haver um material sonoro e um material visual para a expressão do anúncio não implica que seja preciso considerá-lo como constituído de uma mensagem linguística e de uma mensagem icônica”, ou seja, as duas linguagens (verbal e visual) se integram no todo de sentido que é o texto, não sendo necessário analisá-las separadamente para depois integrá-las, como se poderia pensar à primeira vista; elas formam uma unidade (verbovisual), devendo, pois, ser analisadas conjuntamente.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.desencannes.com.br/>>. Acesso em: 11 out. 2009. O *site* em questão, como seus próprios idealizadores explicam, apresenta “publicidades absurdas” que, por razões de várias ordens, nunca foram e nunca poderiam ser publicadas. Agradecemos à ex-aluna do PosLin/FALE/UFMG Flávia Rafaela Lôbo e Silva o acesso ao texto e ao *site*.

<sup>12</sup> Lembramos que o texto verbal escrito não deixa de ser também visual. É por isso que as letras e palavras que o compõem são elementos que se prestam a uma análise pelo viés da semiótica visual (ou plástica), como mostra a análise de Pietroforte (2004) apresentada na nota 7.

Para além do componente fotocromático que examinamos, os demais componentes do plano de expressão não nos parecem produtivos na/para a construção de relações semissimbólicas com o plano de conteúdo do anúncio publicitário em foco. Para ficar apenas com a dimensão topológica, vemos que uma categoria como **superioridade vs inferioridade** (ou **alto vs baixo**) que, à primeira vista, parece-nos pertinente, é, na verdade, problemática. Isso porque os edifícios trincados localizam-se tanto no alto (como o avião, que também representa a **destruição** e a /morte/), quanto no baixo (como o enunciado referente à cola, que aponta, ao contrário, para a **restauração** e a /vida/).

Isso mostra que nem sempre se instaura o semissimbolismo entre categorias dos planos de conteúdo e de expressão. Alguns analistas, sobretudo iniciantes, enxergam relações semissimbólicas em tudo. Ora, o que existe sempre na constituição do texto é uma articulação entre conteúdo e expressão, caso contrário ele não seria o que é. As homologações entre as categorias dos dois planos podem ou não acontecer. Cabe à sensibilidade do analista detectá-las onde elas existem e não construí-las “à força”. São, aliás, atitudes como esta que acabam confirmando uma falsa imagem da semiótica que, ainda hoje, circula nos meios acadêmicos e fora deles: a de que ela seria uma “camisa de força”, acusação que não procede, pois o que a teoria faz é propor modelos, princípios de análise que são convocados ou revogados no exercício concreto do discurso.

Para encerrar este item, apresentamos o quadro referente ao semissimbolismo no anúncio publicitário da SuperBonder.

Plano de conteúdo	<b>destruição vs restauração</b> (categoria temático-figurativa/nível discursivo)	
	/morte/ vs /vida/ (categoria semântica de base/nível fundamental)	
Plano de expressão	categoria fotocromática	<b>cores frias vs cores quentes</b>

Quadro 3: o semissimbolismo no anúncio publicitário de SuperBonder.

### Considerações finais

Como afirma Fiorin (2003), o estudo das correlações entre os planos de conteúdo e de expressão de um texto permite não apenas refletir, com profundidade, sobre o papel da percepção sensorial na produção do sentido, mas também compreender melhor os textos poéticos (incluindo-se aqui as poéticas visuais), que se caracterizam pela presença marcante do semissimbolismo; as semióticas sincréticas (caso, por exemplo, dos anúncios publicitários impressos, cujo conteúdo é manifestado por diferentes formas de expressão); o processo tradutório, seja a tradução intrasemiótica dos textos poéticos, seja a tradução intersemiótica.

A posição assumida pelo autor mostra, com clareza, a relevância – diríamos mesmo, a necessidade – no mundo “imagético” que nos cerca atualmente, de um ensino que se volte para o aprimoramento do potencial de leitura dos alunos para além do texto apenas verbal. Nunca é demais repetir que as experiências que temos desenvolvido nos últimos anos, com alunos de diferentes níveis, comprovam que isso é possível, desde que se adaptem materiais e métodos – como aqueles disponibilizados pela semiótica visual ou plástica – aos interesses e dificuldades dos alunos.

Como vimos na análise da fotografia (item 6) e do anúncio publicitário (item 7), a análise pode ser iniciada tanto pelo plano de expressão quanto pelo plano de conteúdo. O que importa, portanto, é que o aluno perceba, na articulação entre categorias de várias ordens

– topológicas, eidéticas, fotocromáticas – do plano de expressão com categorias do plano de conteúdo (sobretudo aquelas situadas nos níveis fundamental e discursivo do percurso gerativo), as relações entre o sensível e o inteligível que o semissymbolismo propicia, gerando, assim, o efeito de sentido de “refazimento” ou de releitura do mundo, como propõe Barros (1999).

Esperamos, com o presente trabalho, ter apontado alguns caminhos para o professor que queira suprir a lacuna da escola na abordagem de textos visuais e sincréticos. Ou que, pelo menos, tenhamos despertado sua curiosidade...

### Referências bibliográficas

BARROS, D. L. P. de. “De la perfection”: duas reflexões. In: LANDOWSKI, E.; DORRA, R.; OLIVEIRA, A. C. (Eds.). **Semiótica, estesis, estética**. São Paulo: EDUC/Puebla: UAP, 1999, p. 119-123.

\_\_\_\_\_. de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II** (princípios de análise). São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999, p. 177-207.

\_\_\_\_\_. Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo. **Itinerários**. Número especial, 2003, p. 77-89.

FLOCH, J.-M. Semiótica plástica e linguagem publicitária. **Significação**, Araraquara - SP, n. 6, 1987, p. 29-50.

FONTANILLE, J. **Sémiotique du discours**. Limoges: Pulim, 1998.

GREIMAS, A. J. **De l'imperfection**. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

\_\_\_\_\_. Semiótica figurativa e semiótica plástica. Trad de Assis Silva. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 75-96.

HJELMSLEV, L. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Trad. Anne-Marie Leonard. Paris: Minuit, 1968.

LARA, G. M. P. Lendo textos verbais e não verbais: uma abordagem semiótica. **Cadernos de Semiótica Aplicada** (CASA), v. 5, n. 2. p. 1-13. Araraquara, SP: UNESP, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos>>.

LARA, G. M. P. & MORATO, E. A relação conteúdo/expressão na pintura de Mestre Ataíde. In: LARA, Gláucia M. P. et al. (Orgs). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, v. 1, 2008, p. 145-168.

LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, vols. 1 e 2, 2008.

LARA, G. M. P. & MATTE, A. C. F. **Ensaio de semiótica**: aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LOPES, I. C. Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação. **Itinerários**. Número especial, 2003, p. 65-75.

MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, v. 3, 2008.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MORAES, S. O. **Construção de simulacros na revista Veja: o caso Suzane Von Richthofen**. 2008. 190 f. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens, apresentada ao Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 2008.

MORATO, E. F. **Do conteúdo à expressão: uma análise semiótica dos textos pictóricos de Mestre Ataíde**. 117 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos apresentada à Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2008.

OLIVEIRA, A. C. de. Semiótica plástica ou semiótica visual? In: \_\_\_\_\_. (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p.11-25.

PIETROFORTE, A. V. S. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2004.

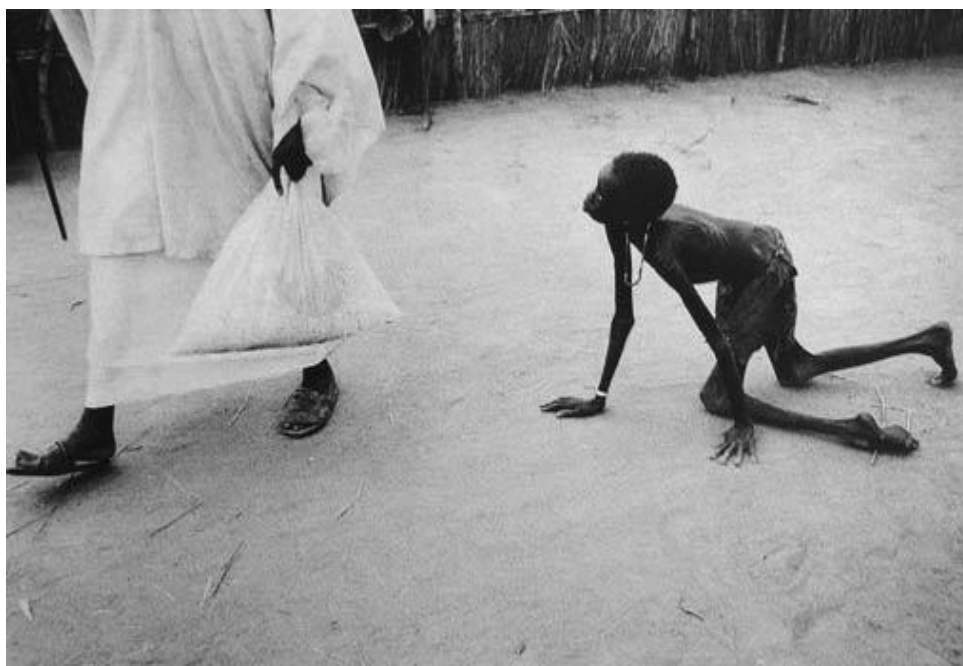
\_\_\_\_\_. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

TEIXEIRA, L. Achados e perdidos: análise semiótica de cartazes de cinema. In: LARA, G. M. P. et al. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, v. 1, 2008, p. 169-198.

THURLEMANN, F. Semissimbólico (sistema, linguagem, código). In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris: Hachette, v. 1, 1979.



**ANEXO 1:**



Fotografia de Sebastião Salgado

**ANEXO 2:**



Anúncio publicitário.

Recebido em: 04.03.11  
Aprovado em: 19.04.11

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>